

# Pneumonia simples

O QUE DERRUBOU FHC FOI A DESVALORIZAÇÃO, NÃO O DESEMPREGO

CARLOS A. SARDENBERG

**O** amigo do falecido pergunta à viúva: "E de que morreu nosso Antônio?"

"Pneumonia", responde ela. "Dupla?" – alarmá-se o amigo. "Não, simples", garante a viúva. "Ah, menos mal."

O presidente Fernando Henrique e seus colaboradores estão dizendo que o Brasil só pegou uma pneumonia simples depois da desvalorização.

A dupla era a que estava nos cenários desenhados no início do ano, uma combinação letal de recessão profunda com inflação disparada. E tudo o mais que se segue: desemprego em alta, desorganização da atividade econômica, perda de renda, enfim, falência múltipla dos órgãos.

A situação de fato saiu bem melhor: a recessão já passou, a inflação (preços ao consumidor) ficará entre 6% e 8% no ano, o desemprego não cresceu, ao contrário, começou a cair.

Dado esse quadro, o governo – especialmente o pessoal da equipe econômica – considera exagerado o mau humor nos meios econômicos, incluindo o chamado mercado, que resiste a reduzir os juros e a cotação do dólar. O pessoal não diz explicitamente, mas também considera, digamos, injustos os índices de reprevação ao governo FHC exibidos pelas pesquisas de opinião.

Ocorre que a pneumonia simples também manda para a UTI e pode matar. A inflação não disparou, é verdade, mas a população não compara a situação atual com o que os economistas acham que poderia ter sido. Compara com a própria experiência passada – no caso, o período pré-desvalorização.

Este período exibia inflação descendente, já no nível zero, e moeda forte. Isso é poder aquisitivo. Em 1998, é verdade, o País já estava em recessão, fato demonstrado pelo salto no desemprego que, de sua vez, impunha uma redução na renda das pessoas. Mas a situação era diferente para aqueles que mantinham seus empregos e/ou suas atividades autônomas.

O desemprego – na pior situação, em São Paulo, pelo critério mais amplo – passou de 18% da força de trabalho, um número enorme. Mas isso também quer dizer, no outro lado da conta, que pelo menos 81% dos trabalhadores estavam ocupados e ganhando – sendo sua renda protegida pela moeda boa e pela ausência de inflação. No segundo semestre de 1998, por exemplo, a renda real, embora menor que no ano anterior, manteve-se praticamente estável.

Assim, a crise pós-desvalorização não piorou a situação dos desempregados, piorou a dos que estavam ocupados – que viram seu poder aquisitivo ser comido pela alta de preços e pelo enfraquecimento do real.

As famílias mais pobres foram atacadas pelo aumento de todas as tarifas de serviços públicos, e algumas estavam há dois anos sem majoração. Ninguém pode deixar de acender a luz ou cortar o gás de cozinha ou ir a pé para o serviço. O que se gasta a mais com isso é o que se gasta a menos na comida, no consumo geral, no lazer. Foi sangue tirado da veia.

As classes médias gastam parcelas menores de seu orçamento nas tarifas, mas igualmente tiveram motivos de raiva. Só um exemplo: acabaram-se as viagens internacionais e as nacionais só ficaram mais baratas para quem tem dólar. Em reais,

também ficaram mais caras.

Costuma-se dizer que viajar – e especialmente ir à Disneylândia – é supérfluo, algo de que um povo pode furtar-se em momentos difíceis. Mas essa é a opinião de ricos, e em relação às viagens do pobres. Não é a opinião das classes médias que, na época do real bom, ganharam o direito de passar uma semana em Nova York, em quatro de R\$ 200.

Isso acabou. Teresinha, a empregada do presidente Fernando Henrique, não poderá voltar à Grécia. Enfim, isso das viagens internacionais é um bom exemplo do que aconteceu com o poder de consumo de ampla maioria da população.

Sim, sabemos que a moeda valorizada era um problema macroeconômico. Mas a população deu a FHC seu segundo mandato, em meio a uma crise, certamente para preservar seu poder aquisitivo. A campanha do presidente dizia: quem acabou com a inflação saberá acabar com o desemprego.

O desemprego hoje é tão alto quanto era em agosto e setembro do ano passado, véspera das eleições. Mas a inflação voltou. Ou seja, a pneumonia (a impopularidade de FHC) não é o desemprego. É a inflação – que no bolso das pessoas é maior do que nos índices – e a perda da moeda forte, o real que simbolizava o mandato.

Em resumo, foi a desvalorização, mesmo que tenha sido bem-sucedida pelos padrões macroeconômicos, que derrubou o real e, com ele, seu criador. É isso que as pesquisas

estão dizendo.

Estão dizendo também que o fator dominante, quando as pessoas avaliam se as coisas vão bem ou mal, é a economia. Mais precisamente, a situação econômica das pessoas, das famílias.

É importante essa distinção. Neste momento, os índices de inflação estão em queda, mas não os preços. Alguns preços pararam de subir, outros sobem menos – e como os índices compararam preços de um período com o período anterior, eles passam a registrar queda. Mas as pessoas continuam pagando mais caro pela luz, pelo gás, pelo eletrodoméstico, pelo carro.

Em consequência, os eleitores só mudarão sua avaliação quando recuperarem algum poder de compra. Isso pode ocorrer de três maneiras: com a inflação voltando para perto de zero; com aumento salarial e de rendimentos; ou com a forte redução dos juros, que barateia os crediários.

Deve haver agora alguma recuperação de salários. Mas a terceira possibilidade é a que está mais à mão, neste momento. A taxa de juros hoje, embora ainda elevada, já é a menor do Plano Real. Além disso, não se deve esquecer que as vendas no crediário estiveram muito aquecidas em períodos de 1995, 96 e 97, com juros reais mais elevados que os atuais.

É verdade que a inadimplência era menor e a renda disponível, maior. Mas os juros hoje podem ser menores ainda e é muito boa a chance de retomada de atividade econômica, com alguma recuperação de renda.

Se o Congresso votar, neste final de ano, o pouco que falta do conjunto de reformas que apóiam o ajuste das contas públicas, isso vai melhorar significativamente a expectativa internacional em relação à economia brasileira. Podem, assim, voltar os financiamentos, a juros algomenores. Combinando isso com a retomada das exportações, que deve ocorrer, a pneumonia poderá ser curada.

E como pode dar errado? De dois modos. Um é uma nova crise externa. O outro é uma crise política interna, que bloqueie a capacidade de ação do governo. Será nosso próximo tema.

